



Nascido no Porto em 1951, Manuel Maria cumpriu serviço militar em Moçambique (1972/74).

A sua paixão pela literatura fê-lo ingressar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na qual concluiu a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses e Alemães).

Exerceu a docência nas escolas secundárias de Ermesinde, do Marco de Canaveses e de Gondomar, onde viria a terminar a carreira, por aposentação antecipada, em dezembro de 2008.

Depois de ter publicado no suplemento Cultura e Arte de *O Comércio do Porto* e nos jornais *Letras & Letras* e *Notícias de Gondomar*, tem participado com assiduidade em antologias das *Edições Mimos e Livros* e da *Lugar da Palavra Editora*.

É autor do *Farol das Letras* (www.faroldasletras.pt) e figura como convidado em *Poeta – o site do poeta brasileiro!* (<http://www.poeta.ws/convidados/manuel.htm>).

José António levantou-se, ainda de noite, com uma vontade inabalável de ver nascer o sol. Tudo era calmo: no silêncio das sombras, a leveza de um aroma fresco e doce exalava uma melodia selvagem de sons surdos, segredando sonhos secretos soltos na magia de uma atmosfera estranha e sedutora, e as estrelas mais despertas pareciam começar a amodorrar numa sonolência etérea geradora duma vida nova. Que comunhão de paz! E que pena, pensava para consigo, quando, tantas vezes, se passa ao lado da essência mais pura, distraído, incompreensivelmente, com o que de mais grotesco, quase ininterruptamente, oferece a vida. E nesta tranquilidade sublime, mergulhava fundo a inquietação do seu espírito, quando a sentinela, do alto do posto, o interpelou:

– Precisa de alguma coisa, meu alferes?

Foi como um golpe lancinante e a sua pulsação acelerou consideravelmente.

– Não, obrigado. Quero sentir, quem sabe se pela última vez, a frescura da manhã. O tempo vai aquecer bastante.

– Porra, alferes, até me obriga a falar mal! Parece que está a fazer um discurso de despedida!

[...]

Antes de entrar no helicóptero, ainda se abraçou ao cabo escriturário:

– Sabes bem onde estão as minhas coisas. Se tiveres de as mandar para a metrópole, diz-lhes que me lembrei deles antes de embarcar e que é com muita pena que os deixo.

CHECA É PIOR QUE TURRA

Edição limitada comemorativa do 30.º aniversário



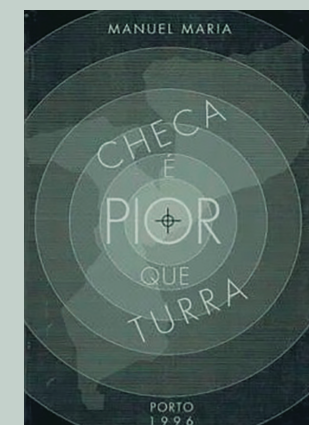
MANUEL MARIA

CHECA É PIOR QUE TURRA



Checa É Pior Que Turra é um romance de ficção. Nele procurou o autor, através de diversas caricaturas, para que aponte o subtítulo, a desmitificação do herói, coletivo ou individual, com a construção duma personagem tanto mais autêntica quanto mais humana e, como tal, sujeita a comportamentos nem sempre coerentes, tal como o vento que nem sempre sopra do mesmo quadrante. Nem por isso toda a carga dramática duma vivência de guerra deixa de ter a expressão que lhe é própria, quando mais não seja como catarse da própria guerra. «*Talvez haja momentos em que a fronteira da ficção e a da realidade parecem confundir-se...*», diz, numa das suas cartas, a personagem principal. A alusão a lugares e a factos históricos apenas teve como finalidade conferir uma contextualização à ficção e contribuir para o princípio aristotélico da verosimilhança: é mais importante ser verosímil que verdadeiro. Se a obra não corresponder à sempre legítima expectativa do benévolo leitor, perdoe-se a condição de *checa* do escritor.

O autor



capa de *Checa é Pior que Turra*, edição de 1996